ARNALDO JABOR

Steve Jobs criou uma 'ciência alegre'

Ele trouxe de volta um pensamento modernista

Steve Jobs me lembra aquela célebre foto de Einstein fazendo careta com a língua de fora. Einstein virou um *cult* instantâneo. *Cool*, com suéter rasgado, cabelo de hippie velho, Einstein nos tranquilizou, como se dissesse: "Para além do incompreensível — não se preocupem —, há o riso, o humano." Steve Jobs também diminuiu nosso medo diante da espantosa evolução científica que nos atordoa. A ciência parece marchar sozinha sem o rosto humano de autores, se reproduzindo em incessante ebulição a caminho de um futuro "distópico", como dizem os filósofos, apavorados pela falência de seus "universais".

Jobs nos restituiu a ideia de que nós, humanos, é que fazemos a ciência e que ela não aponta necessariamente para um futuro terrível e negro, como nos livros de ficção científica. A tecnologia pode ser lúdica, compreensível, de fácil acesso, mesmo que não saibamos que porra é um gigabyte ou como se monta uma placa-mãe. Jobs humanizou a criação técnica, deu um rosto à máquina. Ansiávamos por um autor, por alguém que criasse tecnologia e não foi apenas "criado" por ela.

Outro dia, no "New York Times", o professor Neal Gabler escreveu sobre o assunto.

Ele diz: "Não acreditamos mais em 'grandes ideias', como antes. Não temos mais celebridades culturais que sejam pensadores, gente como Reinhold Niebuhr, Daniel Bell, Betty Friedan, Carl Sagan e Stephen Jay Gould, só para mencionar alguns, mesmo menores. As ideias em si mesmas já ficavam famosas, como 'o fim da ideologia', 'o meio é a mensagem', 'a mística feminina', 'a teoria do Big Bang' ou o 'fim da história'. Vivemos em um mundo pós-ideias, um mundo onde grandes ideias iluministas que não sejam imediatamente 'monetizadas' são cada vez mais raras. Marx mostrou a relação entre os meios de produção e nossos sistemas políticos, Freud revelou-nos o inconsciente, Einstein reescreveu a Física. Procurávamos não apenas apreender o mundo, mas compreendê-lo. É claro, especialmente na América, que vivemos numa época pós-iluminista, na qual racionalidade, evidência, argumentos lógicos e debate perderam a batalha para superstição, fé, opinião e ortodoxia. Hoje o que o futuro nos aponta é mais e mais informação. Saberemos tudo, mas não haverá ninguém pensando nisso."

Steve Jobs restaurou a ideia de "sujeito" para nós, "objetos" de uma marcha insensata de incompreensões. De certa forma, ele nos devolveu uma utopia, sim, através da visão de uma tecnociência dominável, fácil, brincalhona. Como queriam os arquitetos do século XX, forma e função foram palavras idênticas na cabeça de Jobs, que claramente não era um "pós-moderno", mas um "modernista" renascido. Ele provou que, na mutação digital, instrumentos podem ser ideias concretas, impregnadas nos aparelhos, conteúdos na forma. Chips são conceitos. E é verdade, pois estão mudando o mundo até politicamente, como nas manifestações por democracia que vemos no mundo árabe e nas recentes marchas nos EUA, onde há um (ainda leve) *revival* dos movimentos dos anos 1960. Os instrumentos-ideia da web já nos alertam para a decadente política tradicional, excludente, autocentrada, que está sendo desmoralizada no mundo todo. Há uma busca de transparência e de luta acima dos partidos.

A ideologia que se desenha no ar é a de uma informação democratizada. Muitas revoluções derivam para o totalitarismo, mas o que Jobs fez é uma mutação sem rumo, misteriosa como a vida, sempre se reinventando. O século XXI começou com decepções e tragédias. O futuro era negro. Pode até continuar assim, mas Jobs foi um dos que nos fizeram acreditar que não seremos mais robôs sem alma ou desejo, mas que podemos agir no mundo, que o humano se revigora, se "vira", renasce para além das "distopias" que os metafísicos predizem para nos amedrontar. Marx tem uma frase genial: "O capital não cria apenas objetos para os 'sujeitos' consumirem, mas cria também 'sujeitos' para os objetos de consumo." A frase tem um som de agouro trágico, pois seriamos sujeitos "programados" pelo consumo. Até acho que já somos e seremos, mas e daí? Jobs nos dá o "toque" de que esses tais "sujeitos" não serão necessariamente tortos "objetos" de um capital tenebroso. Podemos ser sujeitos-objetos mais livres.

Meu filho tem um iPod do tamanho de um relógio de pulso, que custou US$ 100 e que armazena dez mil musicas e não está nem um pouco preocupado com o futuro terrível, nem tem medo de ser "fetichizado" como mercadoria. Quem tem medo do futuro são os coroas como eu ou tristes "hegelianos" sem assunto. Steve Jobs, filho da contracultura, da arte crítica, de Dylan e Picasso, do LSD que o "descaretizou", criou uma espécie de filosofia prática, "de mercado", indutiva, para além de explicações genéricas, de grandes narrativas universais. Desqualificou a busca de explicações finais, criou instrumentos para acessarmos o mistério que sempre haverá e sugere até que, por caminhos indutivos, podemos chegar a generalizações discretas.

Claro que ele não está sozinho entre outros craques, como o careta Gates e o espertíssimo Zuckerberg — mas ele sintetizou e humanizou esta nova era.

Ele tirou o computador dos laboratórios e fez a ciência cair na mão das pessoas. O indivíduo se sentiu importante de novo e não apenas um asno batendo cabeça para invenções incompreensíveis. Ele nos ensinou a transgressão contra uma sociedade conformista e obediente, quando disse (seja por marketing ou não): "Pense diferente! Meus computadores são para os rebeldes, loucos e desajustados." Hoje já podemos ter esperança por alguma coisa, seja a morte urgente (e humilhante, se possível) dos assassinos Kadafi e Assad ou, no mínimo, o lançamento do iPhone 5...

Não me esqueço de 1998, quando ele lançou o genial slogan cartesiano: "I think, therefore iMac!". Não é lindo?

Só entendi a importância profunda da "ciência alegre" de Steve Jobs agora que ele se foi.

Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 11 out. 2011, Segundo Caderno, p. 12.